

# O ENTRE-LUGAR DO SUJEITO IDOSO NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO URBANA DO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS

## THE ENTRE-PLACE OF THE ELDERLY PERSON IN THE PROCESS OF URBAN TRANSFORMATION OF THE MUNICIPALITY OF TRÊS LAGOAS

*Icléia Caires MOREIRA*<sup>1</sup>

*Claudete Cameschi de SOUZA*<sup>2</sup>

*Fabício ONO*<sup>3</sup>

*Michelle Sousa MUSSATO*<sup>4</sup>

**Resumo:** este artigo objetiva problematizar o discurso do sujeito idoso e suas representações a respeito do desenvolvimento socioeconômico da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Nossa hipótese é de que as representações do sujeito idoso sobre seu *locus* geográfico, entrelaçadas e entretidas à narrativa de si, podem tanto legitimar a sua cidadania enquanto membro pertencente a um coletivo estatizado quanto

---

1 Mestre e doutoranda em Estudos Linguísticos pelo programa de Pós-graduação em Letras - UFMS/CPTL. E-mail: ica-moreira@hotmail.com.

2 Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: claudetecameschi@gmail.com.

3 Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: onofabricio@yahoo.com.br.

4 Mestre e doutoranda em Estudos Linguísticos pelo programa de Pós-graduação em Letras - UFMS/CPTL. E-mail: michellemussato@hotmail.com.



demarcar sua posição de sujeito da exclusão na constituição das múltiplas faces de sua identidade. Para tanto, em um movimento transdisciplinar, pautamo-nos na Análise do Discurso de origem francesa (PÊCHEUX, 1988; CORACINI, 2007), na Arqueogenealogia foucaultiana (1997-2013-2014); e na visada Pós-colonialista (NOLASCO, 2013; BHABHA, 2013; SANTOS, 2007), com a finalidade de promovermos um gesto analítico sobre o delineamento desses processos representacionais nascidos a partir do olhar do idoso sobre si e sobre o *locus* citadino em que habita.

**Palavras-chave:** discursos; identidades; representações; sujeito idoso.

**Abstract:** this paper aims to problematize the elderly subject's discourse and its representations regarding the socio-economic development of the city of Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Our hypothesis is that the representations of the elderly subject regarding their geo-historical looseness are interwoven and interwoven with their narrative of themselves, can legitimize their citizenship as a member belonging to a nationalized collective, or demarcate their position as subject of exclusion in the constitution of the multiple faces of their identity. In order to do so, we are guided, in a transdisciplinary way, in the Discourse Analysis of French origin (PÊCHEUX, 1988; CORACINI, 2007) of Foucauldian Arqueogenealogy (1997-2013-2014); with the aim of promoting an analytical gesture about the design of these representational processes born from the view of the elderly about themselves and about the city's *locus* in Brazil, and the post-colonialist perspective (NOLASCO, 2013; BHABHA, 2013; SANTOS, 2007). With the purpose of promoting an analytical gesture about the delineation of these representational processes born from the look of the elderly on themselves and on the city loco in which they live.

**Keywords:** speeches; identities; representations; elderly subject.

## Introdução

O objetivo geral deste artigo é problematizar o discurso do sujeito idoso e suas representações sobre o desenvolvimento socioeconômico/industrial de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Nossa hipótese é de que as representações do sujeito idoso a respeito de seu *locus* geográfico (NOLASCO, 2013), entrelaçadas e entretidas a sua narrativa de si, podem tanto legitimar a sua cidadania enquanto membro pertencente a um coletivo estatizado quanto demarcar sua





posição de sujeito da exclusão na constituição das múltiplas faces de sua identidade; uma vez que partimos do pressuposto de que o espaço urbano se marca por gestos interpretativos que induzem a pensar o corpo urbano de diferentes perspectivas e possibilidade de sentidos.

Ao observarmos as características do processo de transformação ocorridas no perímetro urbano três-lagoense e as relações dos sujeitos com o meio sócio-histórico-ideológico enquanto lugar de memória, buscamos observar como os sujeitos tendem a circunscrever seu lugar social e suas relações com o outro, fornecendo os efeitos de sentidos necessário à construção das representações de si e do outro, estabelecendo fronteiras identitárias no/pelo discurso (CORACINI, 2007).

Com o segundo maior PIB industrial do estado, Três Lagoas vem passando por inúmeras transformações ao longo de sua história, sobretudo, nas relações comerciais/industriais, interpessoais e subjetivas de seus habitantes. Possui cerca de 10 mil empresas e 54 indústrias de médio/grande porte com uma vantagem logística tri-modal: ferrovia, rodovia e hidrovia, por estar localizada na região leste (PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS LAGOAS, 2015).

Conforme Motta, (2011) a cidade organiza-se via processos distintos e interdependentes às instâncias institucionais, mas, também, é regulada pelo poder local dentro de uma estrutura simbólica que (re)significa<sup>5</sup> diante dos moldes de organização da política nacional. O Estado-nação é o lugar de poder que regula normas jurídico-administrativas que funcionam na divisão territorial, portanto, a transformação do espaço tem a marca ideológica do Estado e está fortemente atravessada pelo modelo nacional de distribuição de renda e fluxos econômicos. Assim, pensar Três Lagoas, via olhar do idoso, implica observar sua alocação em um espaço territorial idiossincrático, sua relevância aos interesses capitalistas do Estado nacional e as demandas que esta condição lhe propiciou atender ao longo do tempo.

Especificamente, interessa-nos interpretar, a partir da materialidade discursiva, como emergem as representações que os idosos fazem de si e do outro nesse processo de mudanças e instalações de indústrias em Três Lagoas; problematizar os efeitos de sentido emergentes desse/nesse processo de (des)identifi-

---

5 Optamos por fazer uso da inscrição de alguns termos com parênteses para indicar a possibilidade de emergência de, pelo menos, dois efeitos de sentido aos quais a palavra pode vir a representar, significa e ressignifica; identificação e desidentificação.



cações<sup>6</sup>; compreender e analisar os dizeres dos sujeitos envolvidos via marcas de exclusão e invisibilidade a que são acometidos.

Para tanto, teórico-metodologicamente, entrelaçamos de modo transdisciplinar a Análise do Discurso de origem francesa (PÊCHEUX, 1988; CORACINI, 2007); a Arqueogenealogia foucaultiana (1997-2013-2014); a visada Pós-colonialista (NOLASCO, 2013; BHABHA, 2001; SANTOS, 2007), com a finalidade de promovermos um gesto analítico sobre o delineamento desses processos representacionais nascidos a partir do olhar do idoso sobre si e sobre o *locus* citadino em que habita.

Este estudo justifica-se pela necessidade de se pesquisar o discurso de determinada comunidade em seus aspectos sócio/históricos e ideológicos, bem como observar as relações estabelecidas entre os sujeitos e sua relação de pertença com o lugar para contribuir para a reflexão a respeito do processo de constituição identitária do três-lagoense, mediante interpretação das condições de produção de seus dizeres em suas manifestações históricas e singulares.

O trabalho de campo pelo viés discursivo se organizou por meio de uma questão preliminar aberta que oportunizou aos sujeitos narrarem sua história de vida como munícipes. Os dados foram coletados via gravações, que foram transcritas em conformidade com as regras do NURC (Norma Oral Urbana Culta) e a materialidade discursiva selecionada e segmentada em recortes (ORLANDI, 1984) a partir dos quais se erigiu um gesto analítico que represente simbolicamente as regularidades do dizer das idosas três-lagoenses.

Por questões éticas, fica assegurado o anonimato dos sujeitos entrevistados denominados ao longo do artigo de S1 e S2, cujo contato foi estabelecido a partir do projeto UMI (Universidade da Melhor Idade), desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, cujo objetivo principal é “promover a educação orientada aos idosos e assim integrá-los socialmente, valorizando o conhecimento como caminho para que possam alcançar a longevidade com qualidade de vida e saúde” (PALMA, 2012). S1 e S2 são mulheres, viúvas, residentes em Três Lagoas desde sua juventude, participantes da UMI há cinco e três anos respectivamente, atuantes em sistema de voluntariado como alunas/colaboradoras.

---

6 (Des)identificação, aqui, é compreendida, via psicanálise, como o processo de identificar-se e não mais identificar-se ao rivalizar-se com os outros modelos que não aqueles constitutivos de sua identidade. Cf. Gatto (2004).



Na esteira de se instituir uma via de mão dupla entre produção teórico-crítica do meio acadêmico e contribuição sócio histórica, este estudo visa a produzir uma aproximação da universidade (UFMS) aos problemas sociais locais, promovendo reflexões assertivas que podem servir de fomento para a viabilização de (novas) políticas públicas. Esperamos que o desenvolvimento deste estudo represente um significativo avanço na configuração identitária da UFMS/CPTL, no desenvolvimento da inter-relação entre os idosos três-lagoenses, a sociedade comum com a educação, a diversidade cultural, a ética, a cidadania em todo o estado, a fim de refletir os impactos sociais de um processo de industrialização na vida dos munícipes cidade e os efeitos de sentido emergentes desse processo, imposto por dispositivos da sociedade hegemônica.

A seguir trazemos o aparato teórico que subsidia nosso gesto interpretativo, voltado à descentralidade do poder homogeneizador hegemônico, utilizando-nos de concepções pós-colonialistas de modo transdisciplinar. Como assevera Coracini (2007: 94), utilizamos “os fios que necessitamos, para com eles, tecermos a teia de nossa rede teórica, transformando, assim, esses fios, ao mesmo tempo em que nosso olhar é por eles transformado”.

## 1. A construção da trama teórica

A Análise do Discurso de origem francesa (AD) passou por três diferentes épocas importantes para a constituição do que é hoje. Iniciou-se com estudos de Michel Pêcheux, observando conceitos de ideologia cunhados por Althusser; e de discurso, com a contribuição de Foucault. A AD nasceu baseada na transdisciplinaridade, na (con)formação de um diálogo entre a História, Linguística e Psicanálise. Segundo Orlandi (2013), a AD surge no entremeio destas três regiões do conhecimento sob a forma de “desdisciplina”, por inovar aproveitando os traços de cada área eleita.

A constituição de um gesto de interpretação em AD necessita utilizar-se da construção de um artifício teórico singular, em razão das problematizações que emergem do *corpus* eleito, devido às condições de produção específicas em que tais discursos se constituíram na trama da língua(gem) (MOREIRA, 2018). Assim sendo, explicitamos que não nos basearemos em um arcabouço teórico constituído *a priori*, com noções prontas e acabadas, pois estas vão entrelaçar-se como fios de uma trama transdisciplinar e híbrida (CORACINI, 2007), mediante a emergência das regularidades, das formações discursivas, do interdiscurso, da enunciação, que emanem dos recortes. Este diálogo entre distintas



áreas do saber se dá, epistemologicamente, pelo fato de que as materialidades linguísticas podem trazer discursos que exijam do analista possibilidades outras de interpretações que a própria AD possa não vir a abranger. Neste sentido, a articulação transdisciplinar de conceitos da AD (PÊCHEUX, 1988; ORLANDI, 1984, 2007, 2013; CORACINI, 2007); da Arqueogenealogia foucaultiana (1997, 2013, 2014) e da visada pós-colonialista (NOLASCO, 2013; BHABHA, 2013; SANTOS, 2007) possibilita-nos a construção de um dispositivo próprio orientador de nossa incursão analítica.

É sabido que os sujeitos se encontram submersos em um contexto sócio-histórico constituído na/pela linguagem em que coabitam, entrecruzam-se inumeráveis vozes, dizeres e silenciamentos (CORACINI, 2007). Nesse espaço, constituem-se as representações identitárias dos sujeitos e daquilo que os cerca. Segundo Foucault (1997), os poderes-saberes são mobilizados estrategicamente, em (micro)capilaridades, abalizando o governo de si e dos outros na malha social. Nas obras foucaultianas, o papel do par saber-poder é decisivo, pois não há como se falar em poder sem escavar quais discursos o legitimaram, da mesma forma que não se pode falar em saber sem explicitar as relações de poder instituídas pelos discursos. Segundo o autor, a categoria sujeito está intrinsecamente ligada a este processo. Por ela, forma-se a tríade saber-poder-sujeito, em que este último é constituído por discursos e relações de poder, sócio historicamente marcadas. Estas três categorias estão umbilicalmente atreladas a todo seu pensamento epistemológico e trabalham em concomitância e circularidade com o processo de emergência dos efeitos de sentidos no bojo social.

Em “Método”, item desenvolvido no livro *História da sexualidade I: a vontade de saber*, situado na fase genealógica, Foucault (2014) explana que, via discursos, manifestam-se poderes/saberes que assumem a chancela de ciência, delimitando e hierarquizando o espaço de abrangência dos discursos. Para o autor, não existe “O Poder”, enquanto instância hierarquizada e privilégio de poucos, mas teias capilares de relações de poder, que geram saberes, e estes sustentam o poder, sob a inerência de um com o outro, um tipo de sistema relacional simbiótico, e não podem ser pertencentes a um sujeito ou mesmo a uma instituição. Explícita ainda que, por ser microcapilar, o poder é inadquirível e móvel, em meio a relações desiguais. Suas relações não se encontram em posição de exterioridade, mas são imanentes e penetram em toda a tessitura social, sendo sempre dialética (saber-poder), o que demonstra que as relações de poder são, concomitantemente, intencionais e não subjetivas, isto é, o discurso é consciente e inconsciente em simultaneidade, de modo que onde existe relação



de poder há também resistência. Entende-se, portanto, as relações de saber-poder são relações de forças que se alastram na e pela tessitura da sociedade, de maneira estratégica e não linear.

Destarte, podemos conjecturar, com Foucault (2014), que a resistência nada mais é que uma outra forma de poder por meio da qual um sujeito se posiciona “contrariamente” a ação de efeitos outros do poder. Trata-se de uma estratégia de afrontamento, com articulações próprias, que faz parte das relações de poder.

Mesmo que, para explicar os caminhos das relações de poder-saber, Foucault (2014) tenha utilizado a sexualidade, é possível empreender um deslocamento para incursões analíticas de diversos aspectos da vida social. Por isso, valemo-nos de suas considerações para compreender as representações cidadinas construídas por essas idosas sobre Três Lagoas-MS.

Em um gesto transdisciplinar, tanto embasamos nossas análises no processo de escavação dos sentidos e exumação de possibilidades de interpretação do dizer, Arqueogenealogia Foucaultiana, como trazemos o pensamento pós-colonial (NOLASCO, 2013) para promover a desconstrução do processo analítico que considera apenas os saberes eurocentrados. O entretecimento das vozes do Norte com as vozes do Sul promove uma visão ex-cêntrica: a história contada e reescrita a partir do olhar do colonizado, do intelectual da fronteira, da margem da periferia. A transformação das relações de dominação: ver o Sul e o Norte de forma abrangente e igual, aprender com o Sul.

Com Nolasco (2013), entendemos ser necessário que essa produção científica se desloque do espectro colonial homogeneizador que a assombra e produza uma crítica consistente, que abranja os traços étnico-culturais do país por meio de práticas teórico-metodológicas peculiares a seus *locus*. Também nos leva a compreender que é preciso promover o saber subalterno para “articular uma reflexão crítica que tenha a periferia, ‘o fora do eixo’, como discussão, e que tal discussão se dê por fora do olhar hegemônico e imperial do centro” (ibid.: 47). Sua proposta é a descolonização da crítica periférica das “verdades totalitárias” divulgadas pela crítica tradicionalista, via criação de uma epistemologia própria, nos moldes de Walter Mignolo; uma ruptura que ultrapasse a subalternidade para construir formas subalternas de pensar, não para inverter a hierarquia, mas para horizontalizar o processo de reflexão intelectual de ambas.

Com Bhabha (2013), tratamos da relevância da diferença cultural, que produz uma cisão no modo de compreensão do mundo contemporâneo, introduzindo um





espaço cultural híbrido. Refletimos sobre os deslocamentos e reterritorializações, que permitem observar a formação dos sujeitos nos entre-lugares das margens da diferença, em que as representações surgem perpassadas de privação e discriminação no intercâmbio nem sempre colaborativo e dialógico construído pela linguagem nos interstícios da história. A escrita de Bhabha (2013), comprometida com o hibridismo e o pensamento pós-colonial, ajuda-nos a indagar sobre a representação da diferença para que ultrapassemos tal noção e rompamos com os binômios estereotipantes produzidos pelo discurso do poder, “reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição” (ibid.: 21).

Neste ponto, o autor dialoga com a teoria foucaultiana ao permitir, dentro dos Estudos Culturais, uma mobilização desestabilizadora de verdades irrefutáveis e da discussão de ilusão de fixidez da identidade. Seu olhar cuidadoso atenta-se à possibilidade de constituição identitária sob um entre-lugar, em meio ao trânsito de identidades outras que nos atravessam enquanto sujeitos e desloca, portanto, aquela concepção de unicidade do sujeito, para a compreensão da existência. Há, aqui, uma eterna construção, a partir de outras/novas formas de identificação e desidentificação. Ambos os autores compreendem que o sujeito é produzido, subjetivado, em cada época, pelos discursos e dispositivos do momento, em relação com a descontinuidade própria da história.

Na próxima seção articulamos as condições de produção do dizer, pois o linguístico e o social necessitam ser mobilizados, visto que são elementos indispensáveis, dada a responsabilidade de apontar as marcas permeadas pelas relações de poder, produtos histórico-sociais de uma época e o delineamento do processo de subjetivação dos sujeitos.

## 2. As condições de produção do dizer

Empírica e legalmente, cada participante desta pesquisa é considerada idosa por ter mais de 60 anos e um conjunto de traços que as inscrevem em uma vontade de “verdade” sobre o que é ser idosa, nos mais variados campos de saber, pois o sujeito não é uno e centrado, mas construído de uma época, alocado em diversas posições-sujeito, conforme as relações sociais e históricas que estabelece.

Memórias cristalizam-se e produzem o devir, por meio de seus ecos interdiscursivos, dando margem a um discurso sobre estes sujeitos. Nesta teia das re-



lações de discurso, de práticas e de poderes-saberes, constitui-se a subjetividade da idosa contemporânea.

Os discursos produzidos por sujeitos categorizados como pertencentes à chamada “terceira idade” apresentam regularidades que nos proporcionaram observar que tipo de construção simbólica a cidade de Três Lagoas possui para eles e a repercussão de seu desenvolvimento socioeconômico. Esse processo discursivo erigido de seu *locus* geoistórico (NOLASCO, 2013) nos permitiu observar como esta fatia da sociedade interpreta o trajeto de transformações ocorridas no município de maneira coletiva e individualizada.

Sob esta égide, faz-se necessário levantar as condições sócio-históricas de Três lagoas para compreendermos essas suas mulheres e a situação, tanto em sentido estrito que abrange as circunstâncias enunciativas quanto em sentido amplo que inclui o contexto sócio-histórico-ideológico (ORLANDI, 2013). O município de Três Lagoas, de acordo com Silva (2011), organizou-se, institucionalmente, em 1829 com a expedição exploratória para expandir os campos de pastagens e a pecuária de suas propriedades do Barão de Antônia na região Sul do então Mato Grosso. Meados do século XIX, outros pecuaristas atravessaram o rio Paraná, ocupando as terras, escravizando e exterminando grupos indígenas de etnia Kaiowá e Ofaié.

Em 1914, o trecho da estrada de ferro ligou Bauru às margens do rio Paraná e foi criado o Distrito da Paz de Três Lagoas. Em 15 de junho de 1915, com a legislação estadual nº 706 tem-se a Vila de Três Lagoas e no dia 19 de outubro de 1920 foi elevada à condição de município.

Observa-se que a constituição de Três Lagoas se deu em duas etapas: a primeira relacionada a expansão dos negócios e territórios das fazendas dos pecuaristas e a segunda com a chegada da estrada de ferro Noroeste do Brasil, financiada com capital francês e belga, cuja força econômica deu o “pontapé inicial” à criação do núcleo urbano.

Amedrontados pela malária, operários da rede ferroviária, evitaram construir seus acampamentos às margens do rio Paraná, optaram por fazê-lo ao redor da Lagoa maior. Por volta de 1909, as primeiras casas de madeira foram construídas ao lado dos acampamentos dos funcionários da Noroeste do Brasil (NOB), onde ainda é possível ver algumas moradias deste período, como marcos históricos do nascimento do município. Observa-se uma condição desenvolvimentista estratégica na cidade, uma vez que sua localização foi pensada de modo a tornar-se uma via de comunicação terrestre e perene entre São Paulo e Mato Grosso.





Silva (2011) nos diz que o desenvolvimento da cidade foi muito rápido. O coreto, o jardim público e as amplas avenidas representavam o crescimento e a sua modernização. Se, inicialmente, nasce para abrigar pecuaristas e ferroviários, em 1920 já residiam muitas pessoas com variadas profissões. Em 1927, a influência da NOB declina dando lugar a Construção da Barragem, obra construída pelo Governo Federal com capital externo, que também agitou o povoamento do local.

Atualmente, a cidade conta com mais de dez mil empresas, 54 indústrias de médio e grande porte e tem como vantagem a sua logística tri-modal: ferrovia, rodovia e hidrovia, sendo considerada polo industrial do Estado. A partir da Lei nº 4.336/2013, é denominada Capital Mundial da Celulose, por abrigar as duas maiores empresas de extração, produção e exportação de celulose do mundo, situação que acarretou diversas mudanças econômicas, sociais, de saúde, educacionais, de lazer e infraestrutura com aumento significativo de funcionários do comércio local e dos serviços públicos.

Entretanto, com crescimento exacerbado, observa-se, preliminarmente, que os setores, público e privado não comportam o fluxo da demanda populacional três-lagoense a contento: há lentidão nos fluxos burocráticos da cidade, e falta de resolutividade de atendimento ao cidadão e na adequação das atividades relativas ao quadro socioeconômico e cultural do município. O trânsito e a preocupação com os impactos ambientais também requerem melhorias, bem como a segurança pública. O quantitativo reduzido de agentes e viaturas é insuficiente, gerando uma propensão a atos criminosos e delitos de todas as ordens, situação decorrente do modelo de urbanização excludente e da desigualdade econômica.

Dada a (con) fusão transdisciplinar conformadora da teia teórica e das condições de produção do dizer, na próxima seção, trazemos um gesto analítico baseado nas narrativas de si de duas mulheres idosas para fazer emergir um olhar descentrado e pós-colonial (des) sedimentador das memórias histórico-sociais e subjetividades perpassadas de um caráter de vontade de verdade (FOUCAULT, 1993).

### 3. Uma incursão analítica

Para esta análise, foram selecionados três recortes (designados como R1A e B, R2) para observar, ler e interpretar “o que parece estar opaco” na problematização do discurso do sujeito idoso e suas representações sobre o desenvol-



vimento socioeconômico/industrial de Três Lagoas-MS. Pela análise de narrativas de si, pela subjetividade em descrever como se veem, como veem o processo transformacional do município, buscamos, a partir dos efeitos de sentido lançados sobre a língua/linguagem, interpretar como emergem as representações que as idosas fazem de si e do outro nesse processo de mudanças sociais e instalações de indústrias na cidade.

O sujeito idoso encontra-se num espaço de deslocamentos, num entre-fronteiras (“antigamente” e “modernidade”), sob uma condição de entre-lugar (BHABHA, 2013), de onde emergem efeitos de sentidos, (re)significações, (des)identificações, pois, para além das demarcações geoistóricas, a fronteira é constitutiva do sujeito. A representação das subjetividades do idoso na contemporaneidade é construída a partir de uma dispersão de enunciados atravessados por saberes de diversos campos, sem deixar de lado a compreensão da subjetividade como um resultado, ainda que moveção e sempre inacabado.

Objetivação e subjetivação se delineiam, concomitantemente, a partir da materialidade discursiva que produz diferentes subjetividades de idoso, conforme as relações estabelecidas social e discursivamente (FOUCAULT, 2013). Participantes do projeto de extensão UMI (Universidade da Melhor Idade), da UFMS, que, há cinco anos, realiza atividades semanais com a finalidade de incluir socialmente a pessoa idosa por meio da educação, desconstruindo o estereótipo de que o idoso é ocioso, improdutivo, dependente, as duas entrevistadas apresentaram, enquanto regularidade discursiva, representações de tempo e espaço referentes a Três Lagoas.

Categorizadas como “antigamente” e “modernidade” as representações dos sujeitos pesquisados elencam transformações ao longo do tempo e do espaço urbano, alterações nos espaços públicos categorizadas como estratégias do governo (municipal/ estadual/ federal) em tornar a cidade mais atrativa às multinacionais. Disso emergem efeitos de sentido de (des)identificações, in(ex)clusão, inscritas em diferentes formações discursivas.

Abaixo, temos R1, que se subdivide em dois, R1-A e R1-B, em que S1 e S2 discorrem sobre as representações de Três Lagoas no jogo discursivo que se dá entre passado e presente entrelaçando suas histórias à história do espaço público citadino, como, por exemplo, a praça da Bandeira, hoje Praça Ramez Tebet por ter passado por uma radical transformação em sua arquitetura durante o primeiro mandato da prefeita Simone Tebet (2005-2008) para



que ela pudesse fazer uma homenagem a seu pai, senador Ramez Tebet, prefeito de Três Lagoas de 1975 a 1978:

**R1-A - S1:** **tinha** um asilo né... na minha rua Clodoaldo Garcia **tinha** um asilo [...] na bera da ret/**era** na bera da lagoa o Bom odori... não **era aqui** não... agora é **aqui** no Nippo [...] na rodoviária **ali** aonde tá o Duílio... **era lá** a rodoviária [...] **ali** perto do Duílio... [...] então... **tinha** um tobogã... não sei o:.... eu **gostava** muito de Três Lagoas assim... **o antigo**... muita coisa **era bem melhor** [...] **aquela** Três Lagoas... **aquela::** não sei como **aquela** praça com árvore que... as pessoas ficam sentadas no sol... não fica?... **não tem mais**... deveria **voltar**... **arrumar aquela** praça de novo... tirar **aquelas** águas podre dali não é?... fazê **aquela** praça bonita... **aquela** fonte que **tinha** com **aquelas** músicas né... **pra voltar a Três Lagoas ser uma Três Lagoas boa**...

**R1-B - S2:** **antigamente era bão assim**... igual eu falei lá na sala de aula aquele dia... **tinha** o jardim... **tinha** a fonte luminosa... **era** uma área de lazer... namorado... tudo passeando ali na fonte luminosa... **era maravilhoso**... [...] aí **acabou** com **aquilo lá**, o povo achô ruim...né... Demorô pra acostumar... então **naquele** palanque **lá**... **tinha** um coreto... **tinha** banda de música **antiga** e o povo ia pra **lá**... o jardim **era** área de lazer **ali**, nem carro passava... aí carro de sorvete... de picolé... tudo **ali**... A...ora... hoje em dia num tem nem onde do povo passear mais.. **cabô** né... num tem mais... é bonito no natal lá... mas num ficou igual **era** antes... **antigamente**... **Três Lagoas era**... **era....era bão**...

Ao emprendermos um gesto analítico sobre esta materialidade, podemos observar que ambos os sujeitos, S1 e S2, organizam seu dizer por meio de um consenso, representam a Três Lagoas “antiga” como melhor. As transformações acabaram por acarretar a modificação de determinados espaços públicos que eram alvo da apreciação/identificação/significação dos sujeitos.

Conforme Motta (2011), a relação do sujeito com a cidade se significa e ressignifica de múltiplas maneiras, isto é, por meio da história social dos monumentos, ruas, casarios e, sobretudo, via normatização urbana. Sob esta égide, a partir do conceito de memória discursiva, que é aquilo que recupera o que já foi dito e constitui aquilo que se fala (interdiscurso) e ao mesmo tempo é o lugar onde ocorrem os apagamentos para as “atualizações” do dizer (PÊCHEUX, 1988), observamos, em S1 e S2, a regularidade discursiva na utilização do verbo “ter”, que, de acordo com Ferreira (2009: 773), significa “possuir, desfrutar da posse”, para demarcar alguns lugares que compõem a história e memória de S1, bem como a história dos mo(nu)mentos e espaços da cidade: tinha um asilo, tinha um tobogã, tinha o jardim, tinha a fonte luminosa, tinha um coreto, tinha banda de música antiga .



O verbo “ter”, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, “tinha”, expressa uma ideia de continuidade e de duração no tempo, refere-se a um fato ocorrido no passado, mas que não foi completamente terminado (NEVES, 2000); esse tempo verbal situa os fatos em um passado durativo no qual está marcada a subjetividade dos sujeitos. S1 e S2 contrastam os espaços públicos via processo de (des)identificação com as mudanças/transformações ocorridas ao longo do tempo. Sob a nostalgia do passado, a partir do lócus geoistórico (NOLASCO, 2013) em que viveram e experienciaram situações que lhes são constitutivas, das histórias es(ins)critas em cada um desses espaços, das memórias que se compuseram/constituíram nesses ambientes, das relações interpessoais que se entreteceram nos mais diversos momentos, os sujeitos-enunciadores deixam resvalar as marcas subjetivas que os perpassam, que constitui sua identidade.

O sintagma verbal “tinha” busca fazer menção aos espaços urbanos que um dia fizeram parte da história de vida dessas idosas e que hoje não são mais os mesmos, por terem se extinguido ou por terem características distintas que lhes agregam sentido outros, significações, (des)identificações. A marcação do verbo no passado com maior regularidade no pretérito imperfeito que outros tempos delinea uma certa predileção pelo já vivido, pois as outras formas verbais utilizadas são eleitas na intenção de reforçar a ideia de que, no passado, as significações dos espaços urbanos favoreciam a representação de ser “bem melhor” (R1-A-S1), “bão assim”, “maravilhoso” (R1-B - S2).

Quando S2 (R1-B) enuncia que as pessoas ficam sentadas no sol, traz em seu dizer o lamento da extração das árvores centenárias que compunham o cenário da Praça da Bandeira que foram substituídas por palmeiras imperiais e flamboaiãs, a fonte luminosa, representação simbólica da saudade das idosas em relação a este espaço público, foi trocada por espelhos d’água que quase nunca estão em funcionamento, situação que faz a idosa chamá-los de “águas podre”. Ao dizer que “deveria voltar... arrumar” a idosa inscreve em seu dizer a insatisfação com a reorganização urbana da área central da cidade, em especial da praça, pois por meio do verbo “voltar” demarca seu descontentamento com a realidade presente e via verbo “arrumar” deixa escapar em seu discurso que considera a remodelação do espaço arquitetônico em questão uma forma de estrago, desconstrução do que considera belo.

Outro fator que denota o contraste entre os espaços urbanos e as transformações ocorridas se dá no uso dos dêiticos de lugar: aqui, ali e lá. Os pronomes demonstrativos utilizados na materialidade linguística ora indicam proximidade



(aqui, ali, dali) ora distância (lá). Mesmo se referindo a espaços urbanos que se situam no espaço geográfico distante do local da entrevista, percebemos que as referências de marcação do mesmo espaço colidem, ora são representados como próximos ora são representados como distantes, o que faz emergir o efeito de sentido de conflito identitário/identificatório, não em relação ao espaço físico urbano, mas em relação a significação desses espaços enquanto construído da subjetividade do sujeito-enunciador, a ordem discursiva (FOUCAULT, 2013), desencadeada pelas transformações ocorridas no espaço citadino não possui fator de identificação com a história de vida das idosas, tornando-as sujeitos da exclusão e causando uma sensação de não pertença que emerge em seus dizeres.

O uso dos qualificadores reforça essas representações, pois a maneira como estavam e onde se localizavam os espaços urbanos e seus monumentos, no passado, proporciona a sensação de bem-estar por meio do sentimento de nostalgia, de saudade dos momentos vividos em tais espaços/territórios, de modo que são categorizados como “bem melhor, praça bonita” (R1-A-S1), “bão, maravilhoso” (R1-B-S2). Pelos não-ditos no fio intradiscursivo, observa-se que ambas enunciatórias não se identificam e por isso não apreciam o espaço urbano central de Três Lagoas. Não há mais uma fonte luminosa com água limpa, árvores frondosas que proporcionavam a sombra para que as pessoas se abrigassem do sol, o coreto, que era tombado como patrimônio histórico da cidade, com bandas musicas que agradavam ao público, com lindos jardins.

Observa-se, ainda, que, sob o olhar de S2, a praça central de Três Lagoas não é mais encarada como uma área de lazer, as pessoas não a utilizam para passear, namorar, ouvir música, ficar na praça e apreciar um sorvete ou picolé vendido por um ambulante com seu carrinho. Dada a construção de ruas para tráfego de carros, o ambiente ficou descaracterizado e que, com a poda ou derrubada das árvores frondosas e a adição do que S1 chama de “águas podre” que substituiu a fonte luminosa de antes, a praça central tornou-se um espaço “ruim”, que acabou com o lazer dos munícipes e ainda é motivo da cidade não ser uma “Três Lagoas boa” (R1-A-S1), pois “antigamente... Três Lagoas era... era... era bão...” (R1-B-S2).

Nota-se que, na sentença de S2, “antigamente... Três Lagoas era... era... era bão...” há uma recorrência do fenômeno prosódico denominado pausa. A pausa é um dos elementos prosódicos que, conforme Cagliari (1993: 47), além de poder destacar grupos tonais, funciona como elemento sinalizador de como os interlocutores devem interpretar o que o outro diz. Na perspec-



tiva discursiva, defende-se que as pausas são formas materiais da língua que funcionam como “sítios de (re)significância”, por meio dos quais os sujeitos repetem, deslocam-se e rompem limites, pela possibilidade mesma de o sentido sempre poder ser outro. Assim, pensar pausas é pensar “marcas de silêncio” (ORLANDI, 2007) como acontecimento fundamental de significação; é pensar um dos lugares em que há manifestação da contradição e de identificação e/ou contra-identificação dos sujeitos.

Observa-se que há uma sequência de hesitações ao longo do dizer da enunciadora na busca por categorizar sua representação acerca da cidade de Três Lagoas. Especificamente, após o advérbio de modo “antigamente”, em seguida do verbo “era”. Por entender que o discurso é intrinsecamente heterogêneo, marcado pela multiplicidade e alteridade, vê-se que “sempre, sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas” (ALTHIER-RÉVUZ, 1990: 28), de modo que o dizer de S2 é tomado em redes de memória, filiações identificatórias que interditam seu dizer, pois, na busca por escolher a palavra que melhor representa seus sentimentos, pensamentos sobre Três Lagoas e suas transformações, a recorrência de pausas após o verbo que faz ligação entre o sujeito e seu predicativo, S2 é interdita na/pela língua e, por não encontrar uma expressão que contemple a significação desejada, após tantas pausas, categoriza que “era bão” a cidade de Três Lagoas sem as alterações da contemporaneidade.

Não muito satisfeitas com a nova configuração urbana, as idosas entrevistadas imbuem-se de resistência, colocam-se na posição de enfrentamento ao poder capitalista (FOUCAULT, 1997), que “desconfigurou” os espaços urbanos que um dia lhe constituíram memórias, trazendo à tona seu descontentamento com as alterações dos espaços públicos decorrentes da promoção turística/comercial da cidade. Para S1, “não [se] tem mais [...] aquela Três Lagoas [...] eu gostava muito de Três Lagoas assim... o antigo... muita coisa era bem melhor [...] deveria voltar... arrumar aquela praça de novo... tirar aquelas águas podre dali não é?... fazê aquela praça bonita... aquela fonte que tinha com aquelas músicas né... pra voltar a Três Lagoas ser uma Três Lagoas boa...”. Para S2, “era maravilhoso [...] hoje em dia [...] é bonito no natal lá... mas num ficou igual era antes... antigamente... Três Lagoas era... era...era bão...” Infere-se que a gestão municipal de Três Lagoas não demonstrou preocupação com o impacto das alterações nos espaços urbanos para a identidade e a subjetividade dos seus habitantes/eleitores, sobretudo, aqueles munícipes que tiveram suas histórias inscritas em cada espaço urbano, em cada monumento e manifestação cultural ocorridas nesse lócus geoistórico.



● ● ●

O processo transformacional urbano da cidade vem afetando a vida dos munícipes em diversas áreas, de modo que a população da cidade vem observando alterações no estilo de vida, na comercialização de produtos, na prestação de serviços, no atendimento individualizado de cada habitante local. Ao se referir aos impactos do processo de exploração territorial e do crescimento populacional, sobretudo, de todas as consequências da industrialização e alocação empresarial, S1 faz menção, como regularidade, aos impactos negativos que tal processo ocasionou/vem ocasionando, e como tais alterações no espaço urbano afetam sua subjetividade.

Vejamos R2, S1, cuja materialidade descreve a situação do município em relação à segurança e à infraestrutura:

**R2 – S1:** é que aqui é bom... só que:: **faltando** muita segurança em Três Lagoas... **falta**... as ruas estragadas... prefeito num... vereador não cuida... fica o dia inteiro sentado... a gente fala pra eles.. eles não cuida... Três Lagoas... devia ser melhor isso aí... eu acho... primeira coisa é segurança... eu acho... [...] não tinha ladrão em Três Lagoas... você podia andar sem se/sem segurança que num:: ninguém mexi/mexia com você né... [...] hoje as coisa/a modernidade/ amodernizou demais da conta [...] porque que tem tanto ladrão?... fala pra mim... [...]Três Lagoas tá muito perigoso não é mais aquela Três Lagoas que você podia confiar...

Sabemos que a língua é lugar material, baseada em processos discursivos, que, por sua vez, podem configurar-se como contraditórios. Nesta linha de raciocínio, S1 inicia seu dizer relatando que Três Lagoas é um bom lugar “aqui é bom”; entretanto, na sequência discursiva que segue, traz a expressão “só que”, cuja função é demarcar uma adversidade ao que foi posto anteriormente, e o faz para elencar uma série de problemas infraestruturais: falta de segurança, ruas estragadas e descaso do poder público em cuidar da cidade.

Ao refletirmos sobre o discurso do sujeito idoso e suas representações sobre o espaço citadino, podemos ver que emergem de seu dizer uma representação política que vincula o Estado, a cidade e o sujeito. Através do verbo “faltar”, que significa sofrer ou sentir privação de coisa necessária (FERREIRA, 2009: 396) é possível interpretar que S1-R2 descreve, em seu dizer, como os cidadãos três-lagoenses encontram-se à mercê do poder público e de seus agentes, que não planejam ações de intervenção no espaço urbano de modo a fazer valer o cargo que ocupam, “prefeito num... vereador não cuida... fica o dia inteiro sentado... a gente fala pra eles... eles não cuida...”, isto é, descumprem a constituição de 1988 em seu artigo 182, que delega a política de desenvolvimento urbano como



função a ser executada pelo poder público municipal, com o objetivo de ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes (BRASIL, 1988).

Outra questão que observamos se refere a segurança. S1-R2 revela, em seu dizer, que “Três Lagoas... devia ser melhor isso aí... eu acho... primeira coisa é segurança... eu acho... “. Sob um gesto analítico, vemos que S1 tem a sensação de que o crescimento econômico, político-social e a industrialização de Três Lagoas descaracterizaram a cidade que, “antigamente”, oferecia prazer e segurança e, hoje, oferece medo e violência, sobretudo aos idosos. Para S1, o desenvolvimento deveria ter trazido consigo uma maior possibilidade de segurança aos cidadãos; entretanto, o que se vê é o aumento da criminalidade, expondo os munícipes a assaltos e crimes de todas as ordens.

Em Bhabha (2013: 41), podemos pensar a nação a partir de suas margens: as vivências das minorias, os conflitos sociais, o arcaico chocando-se com o moderno, a exclusão. Assim, apreende-se que inclusão e exclusão não são polos opostos; compõem a dinâmica da sociedade globalizada, em que a fluidez das margens não permite as demarcações rígidas, produzindo o entre-lugar, no qual podemos pensar em inclusão-excludente ou exclusão-includente. Articulando esta noção de inclusão-excludente com a construção da representação da cidade por parte das idosas, podemos dizer que fazem parte do cenário citadino, mas encontram-se à margem do processo de transformação mercadológica/industrial e infraestrutural do município ao percebermos que não se identificam com as questões estabelecidas pelos acordos capitalistas da contemporaneidade.

É possível compreender que, a partir dos efeitos de sentido emergentes, estar condicionado a um entre-lugar fornece às idosas “o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (ibid.: 20). São histórias de Três Lagoas não veiculadas por estruturas midiáticas vigentes, uma vez que as relações de poder daqueles fazem um discurso circular sobre o outro, sobre o lugar, responsável pela legitimação de um forma de saber, pelo estabelecimento de regras e pela seleção e arquivamento daquilo que constitui a memória discursiva (PECHEUX, 1988) circulante da sociedade trata de relegar tais considerações ao esquecimento/apagamento, para dar lugar a versões progressistas e vinculadas ao progresso industrial/capitalista da cidade, filiando-se à formação discursiva histórica da década de 1970 sobre o progresso.



## (In)Conclusões

A partir deste gesto de interpretação não exaustivo que levou em conta a relação entre língua e história em um processo de escavação e exumação das possibilidades de “efeitos de sentido” produzidos pelo dizer dos sujeitos idosos três-lagoenses sobre sua cidade, buscamos, na relação entre sujeito e sentido(s), materializada no/pelo discurso, remeter a experiências de suas vidas e observar como estas significaram/significam a partir de sua posição-sujeito enquanto idoso.

Ao elegermos uma versão não-oficial da história de Três Lagoas construída a partir do lócus enunciativo de quem participou dela, via dizer de duas senhoras idosas, (re)significamos, por meio de ecos discursivos, acontecimentos anteriores, delineadores da diferença entre o ontem e o hoje, e, assim, pudemos entrever como os rastros espectrais do passado deram corpo e formam o cenário do presente.

Atentamos para a valorização da memória e a representação da cidade que as duas idosas trazem consigo, pois esta fala da cidade também é a fala de sua experiência de vida. Os fatos guardados na memória e narrados a partir de sua posição-sujeito são expressões de momentos mais significativos de sua existência e dos lugares que constituíram sua identidade.

Por meio desta iniciativa erigida do campo acadêmico contra a exclusão e o escamoteamento de formas outras de se enxergar um mesmo cenário representado e veiculado pela hegemonia, procuramos dar visibilidade àquilo que, em dada cultura, tornou-se impronunciável devido ao silenciamento a que o idoso é remetido. Processo que nasce daquilo que se encontra esquecido, apagado entre os liames fronteiros do dizer para que não signifique o colapso da história hegemônica servidora das finalidades capitalistas e internacionais, em cujo cerne estão latentes estratégias de controle a representação outro, para que signifique dentro de determinados nichos de saberes (SANTOS, 2007). Nessa esteira de sentidos, pudemos constatar que o processo de construção das representações vincula-se a múltiplos fatores de ordem tanto individual quanto socioeconômica.

Diante de nosso gesto, chamou atenção o atravessamento da formação discursiva capitalista que rege as relações de poder das/nas relações sociais,

econômicas, culturais e ideológicas dos cidadãos. Essa situação se entrelaça sob uma pretensa melhora em empregos, asfalto, construções prediais, de modo que, no discurso das idosas entrevistadas, é possível compreender que S1 e S2 se encontram, invariavelmente, no cruzamento ou travessia de histórias, culturas e ideologias múltiplas e heterogêneas que contribuem, de formas variadas e complexas, para a sua formação e, por serem atravessadas por essa heterogeneidade que as constitui, passam a ser vistas como híbridas em sua formação, em seu processo de constituição identitária, num entre-lugar, “modernidade e antigamente” (BHABHA, 2013).

Ambas possuem um saudosismo e consideram a mudança e modernização da cidade como algo mais negativo do que positivo, pois as alterações ocorridas tornaram a vida na cidade menos prazerosa e confiável, colocando fim a algumas atividades desenvolvidas nos tempos de suas mocidades, para dar lugar a construções arquitetônicas sem traços históricos e respeito pelas preferências dos cidadãos, em nome do progresso e crescimento da nação que hoje vê a cidade representada como a Capital da Celulose, polo industrial brasileiro. O que se pôde conjecturar, até o momento, foi uma dispersão dos discursos que ditam as práticas, pautados em um processo modernista de escamotear o múltiplo e o heterogêneo por trás de uma aparência totalizante, única e homogênea que invisibiliza a história e a memória da cidade (BHABHA, 2013) para dar lugar a uma representação moderna e geradora de capital para nação brasileira.

## Referências

AUTHIER-RÉVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene Cruz e W. Galdi. In: **Cadernos de estudos Linguísticos**, n 19. Campinas: Unicamp, 1990, p. 25-42.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Ranete Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

CAGLIARI, L. C. Da importância prosódica de fatos gramaticais”. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**. Vol. II: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira).** Plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário da língua portuguesa.** 7 ed. Curitiba: editora Positivo, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Trad. Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** Trad. Laura F. de Almeida Sampaio, 23 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. Método. In: FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 100-112.

GATTO, C. As pulsões, seus destinos e o sujeito em análise. In: MAGALHÃES, S. C. (Org.). **O sujeito da psicanálise: topologia do sujeito, sujeito e discurso, clínica do sujeito, sujeito e gozo.** Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2004. p.121- 130.

MATO GROSSO DO SUL. Lei no. 4.336, de 11 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.radaroficial.com.br/d/30817539>. Acesso em: 25/11/2017.

MOREIRA, I. C.. Do discurso oficial ao discurso didático: representação e subjetivação do sujeito indígena para e pela sociedade hegemônica, um trajeto de in-exclusão. In: **Revista Humanidades e Inovação**, v.5, n. 1, 2018.

MOTTA, A. L. R. da. Planejamento urbano: a voz da cidade. In: DI RENZO, A. (Orgs.). **Linguagem, História e Memória: discurso em movimento.** Campinas: Pontes, 2011. p. 11-24.

NEVES, M. H. **Gramática de usos do Português.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NOLASCO, E. C. **Perto do coração selvaje da crítica fronteriza.** São Carlos: Pedro & João, 2013.

ORLANDI, E. Segmentar ou recortar? **Série Estudos.** Nº 10. Faculdades Integradas de Uberaba (linguística: questões e controvérsias), p. 9-26, 1984.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.



\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

PALMA, V. C. L. C. F. da. SILVA, A. de J. **UMI Universidade da Melhor Idade**. Volume 1. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS LAGOAS (2015). Três Lagoas é destaque no cenário nacional com investimento de R\$ 15,7 bilhões em celulose. Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/noticia/tres-lagoas-e-destaque-no-cenarionacional-com-investimento-de-r15-7-bilhoes-em-celulose/11136/>. Acesso em 25/11/2017.

SANTOS, B. de S. **Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v 78, 3-46, 2007.

SILVA, A. A. da. Fundação e desenvolvimento da igreja Batista na cidade de Três Lagoas. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v. 25, maio-ago. 2011. p. 19-39.

